



POR UM FUTURO COM A NATUREZA VIVA: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ARTES VISUAIS DA EJAI DA FUNDAÇÃO ESCOLA BOSQUE

FOR A FUTURE WITH LIVING NATURE: ENVIRONMENTAL EDUCATION IN THE VISUAL ARTS OF THE EJAI AT THE FOREST SCHOOL FOUNDATION

Kattari Quadros Dias¹
Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO

Este artigo traz reflexões sobre o ensino de artes visuais envolvendo questões ambientais, com fundamentação no relato de experiência que abrange a quarta e última etapa do estágio curricular supervisionado e obrigatório, realizado na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) da Fundação Escola Bosque (FUNBOSQUE). Compartilhando impressões, observações, planejamentos, atuações e desafios vivenciados ao longo do acompanhamento que se desenvolveu de maneira formal e não formal e com análise em diálogo com os autores Barbosa (1998, 2009, 2010), Gadotti (2010) e Gohn (2015), verificou-se a inerência da educação ambiental junto à arte/educação da fundação cujas ações pedagógicas interliguem do local ao global, as perdas causadas aos projetos culturais da fundação após a extinção desta pela atual gestão municipal e de como isso afetou o estágio.

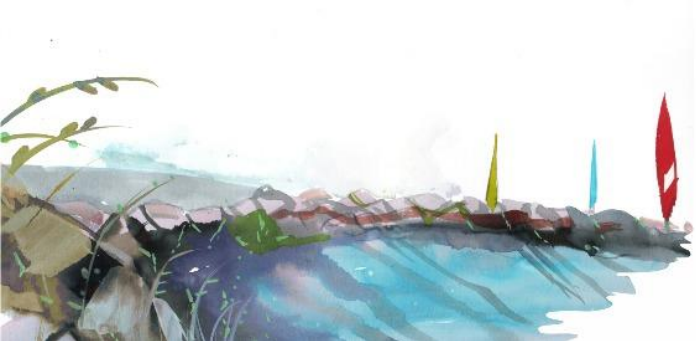
Palavras-Chave: Educação. Artes Visuais. Estágio. Meio Ambiente. Arte Ambiental.

ABSTRACT

This article presents reflections on the teaching of visual arts involving environmental issues, based on the experience report that covers the fourth and final stage of the supervised and mandatory curricular internship, carried out in the Youth, Adult and Elderly Education (EJAI) of the Forest School Foundation (FUNBOSQUE). Sharing impressions, observations, plans, actions and challenges experienced throughout the monitoring that was developed in a formal and nonformal manner and with analysis in dialogue with the authors Barbosa (1998, 2009, 2010), Gadotti (2010) and Gohn (2015), it was verified the inherence of environmental education together with Art/Education of the foundation whose pedagogical actions interconnect the local to the global, the losses caused to the cultural projects of the foundation after its extinction by the current municipal administration and how this affected the internship.

KEYWORDS: Education. Visual Arts. Internship. Environment. Environmental Art.

¹Graduando em Artes Visuais (Licenciatura) pela Universidade Federal do Pará (UFPA).
Integra o LabAMPE - Grupo de Pesquisa Experimentação, Arte e Política nas Amazônias Paraenses, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES/UFPA).
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7184299114473958>.



1. UMA INTRODUÇÃO À DISCIPLINA E AO ESTÁGIO

Ao longo da formação continuada do estágio curricular supervisionado e obrigatório no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Pará (UFPA) e seguindo para a sua quarta e última etapa, Estágio em Ensino das Artes Visuais: Espaços Culturais, o relato de experiência em que o presente artigo se fundamenta busca o compartilhar de observações, participações, reflexões, análises, planejamentos e regências como experimentação da prática pedagógica em espaços culturais formais e não formais, com ênfase nos aspectos teórico-metodológicos.

A disciplina foi ofertada no oitavo semestre do curso, ocorrido no quarto período letivo de 2024, com início na última semana de novembro de 2024. Mantendo o formato das etapas anteriores, os encontros para acompanhamento e orientação dos estágios aconteceram semanalmente, onde foram executadas sequências didáticas envolvendo leituras formativas e reflexivas sobre arte/educação formal e não formal, discutindo limitações e possibilidades para além do espaço museal, compartilhando vivências e informações entre docentes e estagiários.

É válido já adentrar que esta última etapa do estágio curricular foi realizada majoritariamente em espaço formal, no caso - a Escola Bosque, mas a fundação que a engloba historicamente dispõe de espaços culturais como um casarão de cultura e um ecomuseu, infelizmente encontrados em situação de desmonte (assim como diversos projetos da fundação) pela atual gestão municipal. O espaço não formal então precisou ser criado, mesmo que temporário, em um espaço de convivência e alta circulação de pessoas dentro da fundação - devido à grande dimensão de seu terreno (cerca de cento e vinte mil metros quadrados de floresta tropical secundária, onde vários de seus espaços estão distribuídos nem sempre próximos).

Com as vivências na educação formal em etapas anteriores do estágio curricular (Ensino Fundamental I, Fundamental II e Médio) e na educação não formal através da mediação cultural em exposições artísticas de museus como Casa das Onze Janelas, Museu de Arte Sacra e Museu da Universidade Federal do Pará, as diferenças entre as ações de cada campo foram percebidas com maior facilidade.



2. O ESTAGIÁRIO COMO PESSOA AUTISTA E FORMANDO

Assim como pontuou em seus outros relatos de experiência sobre o estágio curricular, o olhar aqui é de uma pessoa autista, o que em certos momentos pode se tornar mais ou menos perceptível. O Transtorno do Espectro Autista (TEA), segundo a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS): se refere a uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, além de uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva.

No caso do estagiário, ainda existem as especificidades das condições concomitantes do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) - tipo desatento - e do Transtorno do Processamento Sensorial (TPS). As vivências das etapas anteriores moldaram estratégias e comportamentos que ajudaram a evitar sobrecargas e a lidar com elas, aumentando o preparo e o autoconhecimento do estagiário autista. Nesta etapa, também reconhece de que encontrou novos reforçadores positivos devido à motivação envolvendo a escolha da lotação e a caracterização desta, o que será melhor detalhado ao longo dos próximos tópicos.

Também é essencial aqui ressaltar, a posição de formando e a constatação de que este é o seu último semestre para a conclusão da graduação, somadas às experiências extracurriculares em espaços culturais durante o último ano e à oferta de disciplinas que também contribuíram para esta etapa do estágio, como Ensino da Arte na Contemporaneidade e Ensino-Aprendizagem das Artes Visuais: Ensino Médio e Mediação Cultural, sintetizando o aprendizado da licenciatura.

Embora a não-lotação em um espaço cultural propriamente dito, o estágio deve mediar caminhos e interseções entre escola e locais de cultura. Como última parcela para consolidar a experimentação da atividade profissional nos amplos aspectos designados no Projeto Pedagógico de Curso (PPC) de 2019, o formando tem a possibilidade de idealizar planos e ações de mediação cultural, produção artística e gestão de projetos, cumprindo assim o objetivo da formação docente na área das artes visuais com excelência e responsabilidade social.



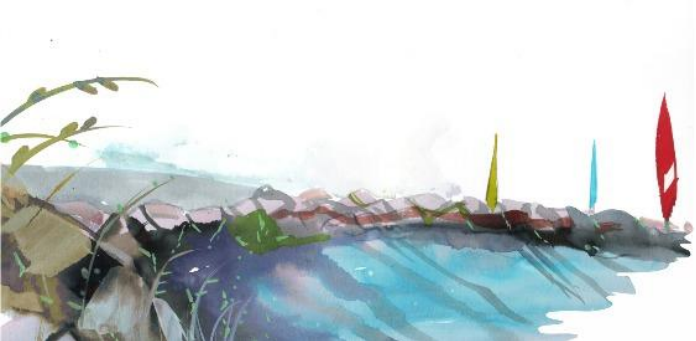
3. O PROCESSO DE ESCOLHA E LOTAÇÃO

A escolha pela lotação na Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira (FUNBOSQUE) resulta do planejamento do estagiário desde a primeira etapa do estágio curricular, que seria atuar em escolas de diferentes redes (federal, estadual e municipal) em cada etapa, com o objetivo de entender na prática e com um maior alcance a diversidade de gestões, estruturas e planos pedagógicos, além das práticas docentes no ensino de artes visuais. A primeira e terceira etapa foram em rede federal, enquanto a segunda foi em rede estadual, restando ir agora para a rede municipal.

Com inauguração em 26 de abril de 1996, a FUNBOSQUE oferta os níveis de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) e Ensino Técnico. Tendo a Educação Ambiental como norteadora de sua pedagogia desde o início, dado o contexto histórico em seu Projeto Político Pedagógico (PPP), onde são mencionadas discussões nacionais e internacionais sobre meio ambiente e que acontecem desde a década de setenta, estando mais próxima de sua origem a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento de 1992, realizada na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. No que remete a criação da fundação, A docente supervisora, Prof.^a Dr.^a Nélia Lucia Fonseca (2024) detalha que:

De acordo com relatos de antigos trabalhadores da escola, um grupo de moradores se reunia em uma área de bosque - local que hoje pertence à escola e é conhecido como bosquinho - onde foram realizados debates, planejamentos e, posteriormente, a criação da fundação - durante a gestão do então prefeito Hélio da Costa Gueiros. Naquele período, a Secretária Municipal de Educação era a Professora Terezinha Gueiros. (Fonseca, 2024, p. 62)

Então, seguindo seu plano e unindo dois de seus hiperfocos - artes e meio ambiente, além do sentido de localização da escola sede ser o oposto - antes ônibus sentido São Brás e agora sentido Icoaraci - ao sair de casa pela Rodovia Augusto Montenegro - embora de sete a nove quilômetros mais distante de seus estágios anteriores e em desacordo à vontade de sua genitora - pois seria lotado muito provavelmente à noite, decidiu pela FUNBOSQUE após reunião com a professora supervisora da escola em 17 de janeiro de 2025, já que teria carona que facilitaria o trajeto de volta para casa.



4. O ENSINO DE ARTES VISUAIS NO CONTEXTO DO ESTÁGIO

Conforme explicitado em seu PPP, um currículo que aborde as questões ambientais é um diferencial da Escola Bosque, e com o ensino de artes visuais na fundação não seria diferente, como é percebido nos planos de ensino da professora supervisora e nas ações anteriores trabalhadas ao longo de sua tese de doutorado. Ao ser lotado na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), o estagiário analisou o planejamento da 3ª e 4ª totalidade, acompanhadas pela Prof.^a Nélia Fonseca. Em seus objetivos, destaca-se a importância de conhecer artistas visuais que atuem com as questões ambientais e de movimentos artísticos locais a globais, enquanto que em uma das propostas na tese, tomou nota de que em simultâneo o ensino deveria se conectar com o meio ambiente imediato dos estudantes: sua casa, comunidade e cultura local.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é amparada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 20 de dezembro de 1996. De acordo com os artigos 37 e 38 do Capítulo II, Seção V, ela é destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de seus estudos na educação básica com a idade esperada, devendo ser asseguradas oportunidades educacionais apropriadas que considerem interesses, características, necessidades, condições de vida e de trabalho, ou seja, uma formação diferenciada das crianças e adolescentes do Ensino Fundamental. Como no contexto da FUNBOSQUE há um aumento de idosos durante os últimos anos (Fonseca, 2024), a modalidade passou a ser intitulada Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI).

Desde 2018, a FUNBOSQUE segue as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Porém, como a BNCC não determina um programa específico para a EJAI, os docentes da escola debateram e organizaram um currículo para essa modalidade. Seguindo o conceito de totalidades - já adotado em toda a rede municipal de ensino, a EJAI é dividida em quatro totalidades de período anual, sendo as duas primeiras correspondentes aos anos do Ensino Fundamental I e as duas últimas aos anos do Ensino Fundamental II. Ofertada no período noturno para pessoas a partir de 15 anos, já que a maioria de seus potenciais estudantes trabalham ao longo do dia, possibilita uma maneira de agilizar o tempo de formação no Ensino Fundamental para quem interrompeu seus estudos antes de concluí-los, mas que ainda deseja finalizá-los.



5. O ACOMPANHAMENTO ESCOLAR E AS REGÊNCIAS

O acompanhamento no ambiente escolar se iniciou em 11 de fevereiro de 2025, com duas turmas da 4ª totalidade da EJAI, Pescada e Arraia. Todas as turmas da escola possuem nomes, associados a elementos da fauna ou flora amazônica, o que contribui para uma identificação mais humanizada, identitária e que reflete parte da essência dos valores da fundação. Em ambas as turmas, notou a ampla faixa etária que as compõem, de jovens a idosos. Ainda, a frequente chegada de estudantes recém matriculados (e que não integravam as turmas em totalidades anteriores).

As turmas da 4ª totalidade se encontram alinhadas em agenda de conteúdo, então ambas as aulas foram a mesma. Pensada como uma introdução para os temas do plano de ensino, a professora supervisora iniciou a aula com o questionamento do que seria a arte na vida dos estudantes. De início, a turma se mostrou mais introspectiva na participação, até que uma estudante jovem respondeu que depende, exemplificando o trabalho de seu avô com música e o dela com animação. Apresentando diferentes formas de arte (artes visuais, música, teatro, dança, audiovisual), a docente evidenciou que essas formas podem ser tanto profissionais quanto amadoras. Utilizando o quadro como suporte para anotar o conceito de arte e contextualizá-la em relação ao estado do Pará e às populações tradicionais, a professora Nélia esclareceu que apesar da disciplina não necessariamente é realizada com o objetivo de transformar os estudantes em artistas, mas que caso desejassem se especializar nas técnicas de expressão, eles deveriam se dedicar. Para finalizar, após a etapa de contextualização, distribuiu uma atividade diagnóstica impressa composta por questões de múltipla escolha sobre o assunto e o conhecimento prévio dos alunos sobre história da arte e suas linguagens.

Na noite seguinte, em 12 de fevereiro de 2025, o estagiário acompanhou as turmas Tucunaré e Dourada, da 3ª totalidade. Também com faixas etárias variadas e poucos estudantes matriculados na FUNBOSQUE desde as etapas anteriores, a aula se deu com o conteúdo sobre o significado da palavra arte e a origem dessa linguagem durante a pré-história, para então introduzir um dos primeiros elementos da sintaxe visual (Dondis, 2015), linha. A partir da mesma metodologia de anotações, a docente



pediu para os estudantes desenharem três tipos de linhas (quebrada, poligonal e sinuosa/ondulada) e realizou a análise do todo (escrita e desenho), enfatizando que as letras também se compõem artisticamente, e que a habilidade da escrita também é construída através da prática. Para concluir a sequência didática, passou atividade com questões objetivas para análise dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre elementos da percepção e da composição visual, culturas dos principais povos que compõem a diversidade social brasileira e interpretações sobre elas.

As atividades de ambas as totalidades foram corrigidas com o auxílio do estagiário após as aulas, e assim seguiram as correções conjuntas até a conclusão do estágio. Mesmo que estas tenham sido as primeiras aulas do ano letivo, nota-se que há uma sequência dos trabalhos realizados nas totalidades anteriores, por isso a importância de uma atividade para identificar as necessidades e os avanços dos estudantes quanto ao ensino de artes e seus conhecimentos. Também percebeu uma demanda para o reforço da leitura e da escrita para alfabetização, sendo maior na 3ª totalidade.

A segunda aula de acompanhamento com as turmas da 4ª totalidade aconteceu na semana seguinte, em 18 de fevereiro de 2025. Dando continuidade à aula anterior, a professora aprofundou no conceito de cada uma das principais linguagens da Arte: artes visuais, música, teatro, dança e audiovisual, suas características, breve história, meios de expressão e como/onde são feitas. Partindo para o conceito da criatividade e explanação do processo criativo de modo geral e dentro da arte, estimulou o debate com os estudantes para a reflexão de como a criatividade atua em suas atividades e do que não passa por esse processo, a exemplo da cópia. Para finalizar, passou atividade com questionamentos subjetivos sobre as linguagens que os estudantes conhecem ou não, exemplificando em experiências pessoais que já tiveram.

Essa atividade contribuiu significativamente para o estágio, pois com as informações compartilhadas pelos alunos descobriu se eles tinham e o quanto tinham familiaridade ou não com as linguagens de arte e seus espaços culturais. O resultado foi de que pouquíssimos tinham contato com arte e/ou adentraram locais de cultura, reflexos ainda de uma associação do valor de arte ao que somente se classifica como erudito, da distância física desses locais em relação à maior parte da população e da elitização



que persiste sobre o conceito de arte. Sobre essa realidade, Barbosa (1998, p. 19) sugere: “é hora dos museus abandonarem seu comportamento sacralizado e assumirem sua parceria com escolas, porque somente as escolas podem dar aos alunos de classe pobre a ocasião e auto segurança para entrar em um museu”.

Levando em consideração que essa colocação data quase três décadas, preocupa o fato de que ela ainda faz jus ao cenário encontrado nesse estágio, pois mostra que as ilhas de Belém - no caso Caratateua - se encontram excluídas dos circuitos de arte, exclusão essa que se intensifica ainda mais na EJA - que acontece de noite pois durante o dia seus precisam trabalhar ou realizar outras atividades de ocupação, mesmo a FUNBOSQUE contando com o projeto e espaço Ecomuseu da Amazônia, tanto que alguns estudantes recordaram a visita feita ao espaço no ano letivo anterior.

Para a regência, o estagiário planejou três opções possíveis até aquele momento, que em ordem decrescente de preferência ficaram: visita ao ecomuseu da fundação (localizado dentro do terreno da mesma), visita a uma exposição lotada nos locais mais conhecidos em Belém (a depender da disponibilização de ônibus escolar), visita de um artista e oficina de seu fazer artístico - cujos resultados gerariam uma exposição no espaço escolar e temporária transformação de parte deste em um local de cultura. Porém, as duas primeiras opções foram impossibilitadas pelas mudanças realizadas com a posse da atual gestão municipal, entres as quais estão cortes orçamentários, exonerações, realocações e esvaziamento dos projetos da fundação, recentemente extinta e submetida à gestão da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC).

A última opção precisou ser replanejada após o falecimento de uma colega de turma na universidade e amiga do estagiário, artista de origem interiorana que representava em suas obras o cotidiano paraense e a relação local de sua terra com a pesca, quem convidaria para um bate-papo e oficina de aquarela com os estudantes. Chegou a pensar em outra artista, embora fora de sua convivência - mas se sentiu mal por conta do recente luto, até que surgiu a oportunidade de realizar uma regência secundária, em sala de aula, com o tema Arte Ambiental.



Como se trata de um movimento artístico contemporâneo, o estagiário relacionou com os planejamentos de outra disciplina, Ensino da Arte na Contemporaneidade, onde uma ação de intervenção pedagógica deveria ser formulada, seja no espaço escolar ou fora dele. A regência então seria distribuída em duas etapas: a primeira, de caráter teórico e preparatório para a segunda, uma oficina de fazer artístico dentro do tema. Para a primeira, como a Prof.^a Nélia já tinha o texto a ser repassado aos estudantes, o estagiário decidiu focar na construção dos recursos didáticos de apresentação (slide) e da criação de atividade com questões objetivas sobre o conteúdo.

6. A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E A CRIAÇÃO DE ESPAÇO CULTURAL

Dentro do movimento da Arte Ambiental, escolheram as principais vertentes artísticas: *land art* (arte da terra), *art in nature* (arte na natureza) e *ecoart* (arte ecológica) para serem estudadas. Como possui a necessidade específica de utilizar recursos visuais (não somente no sentido de facilitar o entendimento do aluno, mas como uma forma de tentar manter a própria atenção e sua linha de raciocínio), aumentou a gama de artistas e obras a serem apresentadas. No texto impresso, a professora supervisora exemplificou Frans Krajcberg e Wendy Osher, enquanto no slide, o estagiário selecionou Benjamin Von Wong, Robert Smithson, Jon Foreman, Martin Hill, Pete & Sue Hill, Franz Avancini, James Brunt, Abi Latham, Karen Klassen, Hannah Bullen-Ryner, Guerra de la Paz, Pascale Marthine, Daphne Siaw, Tim Noble & Sue Webster e Alison Moritsugu. Não com o objetivo de aprender os nomes de todos esses artistas, e sim aprender identificar as principais características visuais, materiais e poéticas dessas vertentes, assim como as semelhanças e as diferenças entre elas.

A partir do aprendizado sobre o movimento e suas principais vertentes, analisando as características e possibilidades dentro do território disponibilizado pela fundação, decidiu escolher a *art in nature* (arte na natureza) para a segunda etapa da regência, a intervenção pedagógica da oficina. Verificando as limitações de se fazer a iniciativa não formal para as turmas da EJAII em específico, ou seja, ainda estar localizado dentro de um espaço formal, precisou rever a prática já que os estudantes da noite não podem circular livremente pela fundação, dadas a enorme dimensão do terreno, a escuridão da noite, a baixíssima circulação de pessoas e a fauna silvestre presente.



Adaptando o suporte da art in nature (geralmente feita no chão natural) para folhas de papel no tamanho A4, perfurados estrategicamente para a montagem de um varal com a finalidade de expor os resultados, orientou quanto a técnica da colagem para fixar a composição da obra sobre o suporte. Enquanto isso, a etapa de coleta dos materiais naturais, que seria totalmente executada pelos inscritos, foi organizada horas antes de anoitecer peloicineiro, que percorreu todas as trilhas possíveis dentro fundação e dispôs os materiais recolhidos em uma grande caixa organizadora para a seleção que seria realizada à noite durante a ação, conforme os registros:

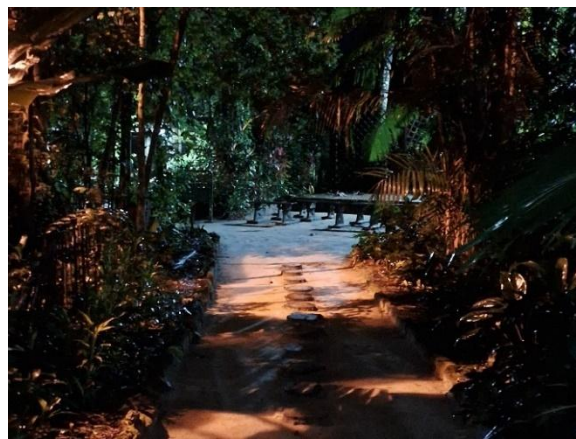


Imagem 1: uma das trilhas da FUNBOSQUE à noite.



Imagem 2: disposição dos materiais para a oficina.

Mesmo com várias adaptações e até improvisos durante a segunda parte da regência (que compreende à etapa do fazer, seguindo a abordagem triangular sistematizada pela autora Ana Mae Barbosa (2010), o estagiário pôde vivenciar que:



Toda educação é, de certa forma, educação formal, no sentido de ser intencional, mas o cenário pode ser diferente: o espaço da escola é marcado pela formalidade, pela regularidade, pela sequencialidade. O espaço da cidade (apenas para definir um cenário da educação não-formal) é marcado pela descontinuidade, pela eventualidade, pela informalidade. A educação não-formal é também uma atividade educacional organizada e sistemática, mas levada a efeito fora do sistema formal. (Gadotti, 2005, p.2)

Ainda, que a educação não formal, de acordo com Gohn (2015), é aquela que se dá a partir dos saberes gerados em ambientes que educam pelas experiências, que oportunizam, e não por um currículo pré-determinado. Mesmo que não se realizando em um espaço cultural institucionalizado como um museu ou centro de cultura (detalhe para a descoberta da existência de mais um espaço cultural na fundação, Casarão de Cultura Professor “Amarildo Mattos”, encontrando-se porém com as atividades paralisadas), a construção dessa intervenção se mostrou integrada ao que o aluno considera lúdico, onde os temas são atuais e a aprendizagem está relacionada à interpretação e à criação pessoal, sendo o conhecimento de origem interdisciplinar e em proximidade com a vida real (BARBOSA, 2009, p. 99).

As etapas da regência levaram 2 horas/aula cada, o que bateu com o estipulado pelo planejamento conjunto com a outra disciplina (também ministrada pela orientadora do estágio na universidade, a Prof.^a Dr.^a Ana Del Tabor Vasconcelos Magalhães.



Imagem 3: 2ª etapa da regência, etapa do fazer.

Para as composições das obras na regência, o estagiário apresentou o conceito de arte figurativa e abstrata, exemplificando com obras da própria art in nature no slide e



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

com um trabalho feito por ele mesmo (somado depois com obras da primeira turma). Para a montagem da exposição, escolheram a área de convivência ao lado da portaria da fundação, principal local para a circulação da comunidade interna e externa.



Imagem 4: resultado figurativo.



Imagem 5: resultado abstrato.



Imagem 6: montagem do espaço no dia.



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalização dessa etapa concluiu a integralidade de práticas possibilitadas pelo componente estágio curricular supervisionado e obrigatório, onde o estagiário experienciou variados níveis de ensino da educação básica e suas faixas etárias. Concomitante à integralização total do curso de graduação, o estagiário percebeu essa última vivência como a mais pontual à consolidação de sua formação profissional e às necessidades do momento que se encontra. A Fundação Escola Bosque representou um lugar que naturalmente o regulava sensorialmente e emocionalmente, onde pôde esperar na Arte/Educação com motivações ambientalistas.

O estagiário já conhecia a fundação e acompanhava as notícias sobre suas atuações, embora a situação desfavorável imposta por uma gestão municipal que, em pleno ano sediando a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP 30), busca extinguir uma referência nacional em educação ambiental.

Apesar dos vários projetos parados ou com dificuldades substanciais de continuidade, as práticas planejadas e executadas no estágio, mostraram o quanto o ensino de artes pode ser uma forma de resistência, pois em um momento de enfraquecimento geral da autonomia e da disponibilidade de recursos na instituição de ensino onde se lotou, a criação de um espaço cultural (mesmo que temporário e biodegradável) somada aos movimentos artísticos contemporâneos trabalhados tanto formalmente quanto não formalmente, explicitam como a Arte é um conhecimento que possibilita a expressão/comunicação e que conscientiza a sociedade.

Infelizmente o período de acompanhamento não pôde ser mais extenso devido aos conflitos de incompatibilidade entre os calendários acadêmicos dos períodos letivos da universidade e do sistema de ensino municipal, já que a universidade ainda estava no quarto período do ano de 2024. Mesmo assim, o estagiário conclui que pôde viver intensamente (e até desesperadamente) o ensino de artes visuais na fundação, e que o modelo de escola com a educação ambiental em um dos pilares de suas pedagogias que a Escola Bosque representa deveria ser implementado e multiplicado nas escolas de Belém, do estado do Pará e do país.



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs.). Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: UNESP, 2009.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (Orgs.). Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais. São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BELÉM (Município). Projeto Político Pedagógico da Escola Bosque. Belém: FUNBOSQUE, 2016.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 19 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

DONDIS, Donis A. Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo: Martins. Fontes, 2015.

FONSECA, Nélia Lucia. Práticas educativas em artes visuais e as questões ambientais na Escola Bosque. Tese (Doutorado em Artes), Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2024. Disponível em: <<https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/16930>>. Acesso em: 19 mar. 2025.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. 2005.

GOHN, Maria da Glória (Org.). Educação não formal no campo das artes. São Paulo: Cortez, 2015.

OPAS/OMS. Transtorno do Espectro Autista. Organização Pan-Americana da Saúde. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>>. Acesso em: 19 mar. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Projeto Pedagógico de Artes Visuais. Pará, 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/160CA1O-2p3L3f1eFs3xHcp_PlgWjJv9e/view>. Acesso em: 26 mar. 2025.